

“VOCÊ TEM QUE VIVER. EU TENHO
HISTÓRIA.
E SE EU NÃO TIVESSE VIVIDO?”
AS PRÁTICAS DE CONFISSÃO E A
SUBJETIVAÇÃO DE IDOSOS CATALANOS

Bruno Franceschini¹
Tainá Camila dos Santos²
Jheny Iordany Felipe de Lima³

Resumo: Este estudo deriva de uma série de observações e diálogos realizados no *Centro de Convivência da Terceira Idade João Fayad*, na cidade de Catalão - Goiás, como parte do projeto de extensão intitulado *PRÓ-IDOSO: Programa de atividades para um envelhecimento Saudável*, em que foram ouvidos idosos de ambos os sexos com intuito de tentar compreender, através da prática de confissão, a relação entre o sujeito idoso e a verdade que o constitui. Foram mobilizados os conceitos de discurso, verdade, subjetivação, dispositivo, confissão, cuidado de si e práticas de liberdade. A análise dos enunciados demonstrou que o sujeito idoso em questão é constituído em sua relação consigo mesmo ao elaborar um conjunto de práticas de estetização de si, questionando os discursos que pretendem dizer uma verdade sobre a velhice, criando novas linhas de fuga e conferindo autonomia para cuidar de si e dizer a verdade sobre si, estabelecendo uma nova relação entre a história política da verdade e a produção do conhecimento em dada racionalidade histórica.

Palavras-chave: Estudos Discursivos Foucaultianos. Práticas de confissão. Práticas de Subjetivação. Idosos.

“YOU MUST LIVE. I DO HAVE A STORY.
WHAT IF HAVEN’T I HAD LIVED?”
PRACTICES OF CONFESSION AND SUBJECTIVATION OF ELDERLY CATALANS

Abstract: This study derives from a series of observations and dialogues carried out at the João Fayad Senior Citizens Center, in the city of Catalão - Goiás, as part of the extension project entitled *PRÓ-IDOSO: Program of activities for healthy aging*, in which elderly people of both sexes were listened to in order to understand, through the practice of confession, the relationship between the elderly subject and the truth that constitutes himself/herself. The concepts of discourse, truth, subjectivation, device, confession, self-care and practices of freedom were mobilized. The analysis of the statements showed that the elderly subject in analysis is constituted in his/her relationship with her/himself by elaborating a set of practices of aestheticizing, questioning the discourses that intend to tell a truth about old age, creating new lines of flight/escape and granting autonomy to the care of the self and tell a truth about oneself, establishing a new relationship between the political history of truth and the production of knowledge in a given historical rationality.

Keywords: Foucauldian Discursive Studies. Practices of confession. Practices of subjectivation. Senior citizens.

1 Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Docente da Universidade Federal de Goiás (UFG), na Regional Catalão > E-mail: franceschini.bf@gmail.com

2 Doutoranda (bolsista CAPES) em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU). E-mail: santos.tainac@gmail.com

3 Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, com financiamento CAPES/cód.001. E-mail: jhenyiordany@gmail.com

Introdução

O *PRÓ-IDOSO: Programa de Atividades para um Envelhecimento Ativo (2019-2020)*⁴ foi um projeto interdisciplinar (abrangendo as áreas da Saúde e da Educação) que uniu diversos estudantes e docentes de cursos da Universidade Federal de Catalão, em busca da elaboração de uma estratégia de intervenção cuja prioridade era desenvolver atividades que estimulassem um envelhecimento ativo. O local de realização foi o *Centro de Convivência da Terceira Idade João Fayad*, situado no município de Catalão, sendo que as atividades foram realizadas com idosos de ambos os sexos, residentes na comunidade e que apresentavam independência funcional.

Dentre os eixos de atividades realizadas, estava o do curso de Letras, com foco no desenvolvimento da escrita e da leitura, com a proposição de rodas de conversa sobre temáticas atreladas às experiências dos idosos. Um ponto que se tornou relevante, à medida que os encontros aconteciam, foi a questão da experiência vivida dos idosos e sua relação com a vida presente. No entanto, em decorrência das restrições ocasionadas pela pandemia mundial de SARS COV-2, o desenvolvimento das atividades de escrita, visando a escrita de si, não pôde ser realizada.

A partir disso, este artigo apresenta uma análise, sob o viés dos Estudos Discursivos Foucaultianos, de alguns dos enunciados coletados nas atividades do projeto, levando em consideração o objetivo principal de observar como a subjetividade do idoso é constituída nesse *corpus*. Portanto, os conceitos aqui utilizados são provenientes da obra foucaultiana, tais como: subjetivação, estética da existência, efeitos de verdade, resistência e práticas de confissão.

Durante o estudo, outros conceitos foram pertinentes, como a questão da sexualidade, no caso específico, do sujeito idoso catalano, além de elementos da memória afetiva e histórica: os marcos da vida do sujeito, suas relações com a família, com o lugar de nascimento, com a cultura, a própria infância e juventude etc. Tudo isso constituindo o sujeito idoso e suas práticas de si.

Partindo do objetivo de analisar a subjetivação do sujeito idoso catalano, envolvendo as suas práticas de confissão observadas nas atividades realizadas, apresentamos três trajetos temáticos contendo as séries enunciativas elaboradas com base na *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2019a), respectivamente, com os temas: 1) As práticas de confissão e efeitos de verdade do sujeito idoso e de sua experiência com a solidão; 2) A renúncia de si configurada no domínio dos regimes de veridicção e no dos regimes de *aphrodisia* e 3) Resistência, cuidado de si e práticas de liberdade na terceira idade.

A seguir, iniciamos a análise com a discussão do trajeto temático 1, com o aporte teórico-metodológico em Foucault (2004, 2006b, 2010, 2019a) e, em se tratando do discurso sobre a velhice, em Cavalcanti (2013). Posteriormente, discorreremos acerca do trajeto temático 2, com base em Foucault (2011, 2019c) e Camarano (2020), chegando ao trajeto temático 3, em que a discussão e análise será norteadas por Foucault (2006a, 2016, 2019b). Ao fim, traremos as considerações finais e as referências utilizadas nesta investigação.

As práticas de confissão e efeitos de verdade do sujeito idoso e de sua experiência com a solidão

Nas atividades do projeto *PRÓ-IDOSO*, realizamos rodas de conversa e dinâmicas de grupo que nos possibilitaram o exercício de escuta dos participantes. Tínhamos, como norte, um tema de

4 Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Catalão. CAAE: 27626619.0.0000.8409.

discussão a cada encontro, instigando elementos da memória de vida: o passado, o presente e os desejos no que tange ao futuro.

Registramos, assim, quatro encontros realizados, que foram o “Encontro 1 – Conhecendo os participantes”, “Encontro 2- Dinâmica dos talentos”, “Encontro 3- Síndrome do Ninho Vazio” e “Encontro 4 – Apresentação do poema *Aninha e suas pedras* (de Cora Coralina), com a questão ‘O que esperar para o próximo ano?’”. Nesses encontros, a escuta dos participantes era, para nós, de suma relevância, para além dos estudos pretendidos, visto que eram momentos em que os idosos falavam sobre si, ocupando um lugar de relevância nos diálogos, sendo, então, imprescindíveis para a socialização e alteridade entre os presentes.

Quando levantávamos as temáticas, demonstrando interesse em ouvi-los, observávamos que os participantes se mobilizavam para falar, expondo algo sobre si mesmos, gostos pessoais (como na dinâmica dos talentos), histórias de vida (de onde vieram, onde nasceram, como era a infância e juventude), o que faziam cotidianamente, o que desejavam (como viagens, ou mesmo as idas aos esperados bailes), e, o que era constante: a relação consigo e com os outros, sobretudo, com familiares. Aqui, analisaremos a série que apresenta a “síndrome do ninho vazio” como tema, de modo mais claro, dispomos cinco enunciados (de A a F), conforme abaixo:

- A) “De dia ninguém é solitário, mas e à noite?”
- B) “Nunca me senti sozinha. Faço um banquete para mim. Cozinho tudo o que eu gosto de comer e me farto sozinha.”
- C) “Quando a gente abre o portão e fica sozinho, sente só o vazio.”
- D) “Estou bem acompanhada, estou com Deus.”
- E) “As perdas intensificaram minha dor da síndrome do ninho vazio.”
- F) “Não nasci para ficar sozinha”.

Ao transcrevermos os diálogos realizados, preservamos as escolhas lexicais dos participantes, considerando o propósito de uma análise discursiva, constando que eles se conduziam ao longo da conversa, em alguns momentos, acrescentando muitos outros pontos à discussão. O mais relevante à nossa pesquisa, era o fato de que os idosos, em todos os momentos, mostravam algo de si para os outros: narravam suas experiências, falavam de suas expectativas, pensamentos, emoções. Este aspecto elucidou o que conhecemos, na linha dos Estudos Discursivos Foucaultianos, como “práticas de confissão”, conceito que Foucault (2006b) desenvolveu como um dos componentes do homem ocidental, isto é, da subjetividade no Ocidente. Assim,

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor [...] Confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo [...] Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente (FOUCAULT, 2006b, p. 67-68).

Se o homem é um ser confidente, podemos falar da confissão como elemento constituinte do sujeito, isto é, presente no processo de subjetivação: para ser, é preciso mostrar-se, confessar-se, ainda que para tal não necessariamente haja tortura. Então, se trata de uma prática do cotidiano, configurada como uma questão de necessidade do sujeito para tornar-se algo (FOUCAULT, 2006b). Na série enunciativa acima, o sujeito confessa o que sente e pensa da solidão, os seus sentimentos, inclusive o que ele faz diante da sua experiência:

“*Nunca me senti sozinho, faço um banquete para mim*” (enunciado B); “*Quando a gente abre o portão e fica sozinho, sente só o vazio*” (enunciado C). Há, assim, uma relação entre o idoso e a solidão, que ele reconhece ao enunciar, destacando os sentimentos e as estratégias que tem para se conduzir frente ao que se vive, como “fazer um banquete para si”, evitando “se sentir só”.

Diante disso, constatamos que quando uma temática é colocada a uma discussão, o sujeito é convocado a se confessar, se situando defronte ao objeto discutido, traçando as suas associações, os seus desejos. Porém, as práticas de confissão não se dissociam dos jogos de verdade, haja vista que a verdade também constitui o sujeito, atuando no próprio funcionamento do dispositivo discursivo: dispersando e regulando o que é dito sobre um objeto.

No que se refere ao idoso, este sujeito é objeto disposto em jogos de poder e de verdade, por vezes, na cultura Ocidental, objetivado, dentre tantas as possibilidades, como impotente, por exemplo, cuja sexualidade é inexistente nessa fase da vida, associado à morte e inutilidade do corpo. Cavalcanti (2013), em sua tese de doutoramento, apresenta, em perspectiva discursiva, a problemática do funcionamento dos dispositivos tradicionais de gestão da velhice, destacando como a sociedade do hiperconsumo é associada à produtividade dos corpos, logo, o corpo dito “velho”, tem, como efeito de verdade, a inatividade e a segregação, sendo diferenciado dos demais corpos, dos “produtivos”, dos “vivos” e “saudáveis”. Nas palavras da autora:

Uma cultura de segregação, hierarquização e silenciamento das pessoas velhas na relação com as outras gerações no cenário das sociedades “avançadas” ocidentais é denunciada por Elias (2001), onde o processo civilizador, reitera, teria reordenando os espaços dos vivos e dos mortos, dos sadios e dos moribundos e dos jovens e velhos. Daí a “solidão dos moribundos e dos velhos” numa sociedade que cultua o jovem e recalca o idoso, anunciador de uma morte material/simbólica, lenta, cruel e solitária dos velhos na sociedade

contemporânea (CAVALCANTI, 2013, p. 28).

O discurso do idoso como “moribundo e solitário” nos leva à “constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade” (FOUCAULT, 2010, p. 275). Por esse viés, o objeto discursivo “idoso” é constituído, lembrando que para tal, há a sua relação com outros objetos, o que Foucault (2019b) denomina de “domínio associado”. Portanto, traçar uma análise arqueológica do discurso é escavar as associações e relações entre objetos, por exemplo, as que desenham o dispositivo da velhice: a morte, a impotência, a solidão etc.

Se para o filósofo é preciso não pensar o discurso por uma ideia de linearidade, proximidade, mas pelos pontos de dispersão (FOUCAULT, 2019b), sabemos que isso não é diferente em se tratando do sujeito idoso, especialmente no que diz respeito às possibilidades que ele mesmo encontra ao se ver, se conhecer e se conduzir.

Nesse sentido, a subjetividade pode ser entendida como “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004 p. 236), sendo esta contínua relação consigo mesmo fundamental às experiências e percepções de si e do corpo. Por isso, o sujeito idoso, ao escapar das definições que o invalidam, apresenta-se como alguém que vive, que persegue seus prazeres, que deseja, que tem sexualidade, ou seja, deslocando-se do discurso de que é inativo, uma vez que está vivo e passa por experiências.

Se o sujeito confidente tem “a tarefa, quase infinita, de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis [...]” (FOUCAULT, 2006b, p. 26), quando ele enuncia, se mostra nos jogos de verdade, nos possibilitando identificar os efeitos do discurso. Neste trajeto,

esse sujeito, ainda que constituído pelo discurso da velhice como impotência, coloca a si mesmo em um lugar de quem vive as experiências, abordando como se sente e, mais do que isso, assumindo o que sente, confessando-se como vivo e ativo.

A renúncia de si configurada no domínio dos regimes de veridicção e dos regimes dos aphrodisia

No âmbito das práticas de confissão e dos processos de subjetivação do sujeito idoso catalano, observamos, no corpus coletado, enunciados que emergem do arquivo da pesquisa relacionados à elementos que dizem da renúncia de si e, em nosso gesto de leitura, procedemos à análise com o movimento de descrever como esse movimento está compreendido no domínio geral dos regimes de veridicção e, também, ao final, da descoberta de si e dos regimes dos aphrodisia. De modo a conduzirmos a discussão aqui pretendida, apresentamos a segunda série enunciativa:

- A) “Esperava meus filhos com bastante comida”
- B) “Não tinha tempo para mim, por conta da vida corrida de caminhoneiro”
- C) “A gente é caipira, mas estudou bem os filhos”
- D) “Trabalhei na lona para estudar os filhos.”
- E) “Vira e mexe a gente esquece da gente.”

De modo análogo ao exposto na obra, utilizamos do instrumental conceitual de modo a promover uma reflexão acerca de como se estrutura o processo de subjetivação do sujeito idoso catalano. Inicialmente, investigamos a renúncia como um dos elementos componentes das práticas de confissão e dos regimes de verdade considerando, de acordo com Foucault (2019, p. 389), juntamente à renúncia, no trabalho de elaboração da vida como obra de arte, como preconiza o pensamento

foucaultiano, há, no funcionamento da *exagoreusis* (grifo do autor), a “obediência rigorosa à regra da comunidade”.

Nos movimentos ascéticos do sujeito, os procedimentos de exame-confissão, no regime da vida comunitária, requer o exercício da obediência e, na leitura aqui realizada, analisamos tal demanda de uma vida em comunidade advinda de um imperativo da heterocisnormatividade para a composição da família em alguns enunciados e também da demanda do mercado de trabalho, em que a atenção a si não pode ser atendida como prioridade.

Focamos, então, na heterocisnormatividade como um dispositivo de condução das condutas, dispositivo esse atrelado ao dispositivo de aliança (FOUCAULT, 2011, que congrega as práticas maritais e alguns de seus elementos, como o patriarcado, a heterossexualidade, a monogamia e a reprodução como práticas inerentes à sexualidade, ao casamento e à vida conjugal. Como argumenta o autor:

Eles fixavam, cada qual a sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal [...]. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereceriam de qualquer modo, condenação (FOUCAULT, 2011, p. 38-39).

Observamos os modos pelos quais o dispositivo de sexualidade em suas interrelações com os dispositivos de aliança e de heterocisnormatividade (CAMARANO, 2020) são produtores de subjetividade do sujeito idoso participante desta pesquisa, uma vez que há, pela prática da confissão, à sujeição à norma da comunidade, como no estabelecimento dos papéis de gênero presentificados nos enunciados quando, por exemplo, da espera dos filhos com comida (enunciado A) e, também, pela força de trabalho destinada à educação em detrimento ao cuidado de si, que estão materializados nos demais enunciados:

não tinha tempo para mim (enunciado B), a gente é caipira, mas estudou bem os filhos (enunciado C), trabalhei na lona para estudar os filhos (enunciado D) e, por fim, a gente esquece da gente (enunciado E).

No íterim do funcionamento desses dispositivos, em atendimento à uma subjetividade normatizada e normalizada pela heterocisnormatividade, lemos esta série enunciativa como uma prática de “renúncia às vontades próprias pela submissão à de outrem” (FOUCAULT, 2019, p. 136). Partindo da analítica foucaultiana acerca do cristianismo e da subjetividade cristã no ocidente, examinamos a constituição do sujeito idoso como um sujeito obediente aos imperativos da constituição da família e de sua provisão, um sujeito que renuncia a si por um regime de verdade que o constitui, assim como a toda uma sociedade, e que requer desse idoso a sua confissão, quer seja do trabalho em casa, fora dela e dos sacrifícios de si para a manutenção da família:

Em tudo isso se vê aparecer uma obrigação de verdade que não é a obrigação de crer num dogma, não é uma verdade em forma de ato de fé, mas uma obrigação de verdade que assume a forma da necessária exploração de si mesmo, da necessária descoberta de uma verdade em si, da obrigação fundamental de dizer essa verdade. (FOUCAULT, 2019, p. 143)

Acerca desse funcionamento de uma renúncia de si, lemos os enunciados *vida corrida de caminhoneiro* (enunciado B) e *trabalhei na lona* (enunciado D) como, de modo análogo, ao exercício da *exaugoresis*, prática essa que diz respeito à confissão de uma verdade de si com o objetivo de se redimir de uma falta, mas, também, como um exercício de si para uma vida santificada. Em nossa leitura, examinamos estes enunciados como uma veridicção de si aliada à renúncia de si pela realização de atividades profissionais exaustivas que demandavam ausência do domicílio e grande carga física. A respeito da *exaugoresis*, Foucault (2019, p. 162) explica que:

[...] A veridicção de si mesmo está fundamentalmente ligada à renúncia a si. O trabalho indefinido a fim de se ver e se dizer a verdade de si mesmo é um exercício de mortificação. [...] a busca da verdade de si deve constituir um certo modo de se morrer para si mesmo.

Ao caminharmos para o fim da análise desta segunda série enunciativa, destacamos que o outro nesse processo de veridicção de si, em meio à prática da *exaugoresis* está no domínio dos dispositivos de sexualidade, de aliança e de heterocisnormatividade, os quais normatizam e normalizam as condutas frente, especialmente, no caso aqui em estudo, à constituição e manutenção da família. Assim, na constituição do ocidente, na subjetividade cristã, há o imperativo de que os sujeitos tenham filhos, como diz o texto de Clemente discutido por Foucault (2019, p. 37), “o acabamento que constitui para um ser humano o facto de ter uma descendência”.

Por fim, retornamos ao dispositivo de sexualidade, com seus elementos referentes à confissão e ao regime dos *aprhodisia* porque “esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido” (FOUCAULT, 2011, p. 72). Neste movimento, pois, observamos, considerando as condições de possibilidade dos discursos, como o sujeito idoso catalano, participante da roda de conversa, pode, de certo modo, realizar um movimento de si sobre si, um movimento que diz de sua sujeição, de suas renúncias, mas que, também, neste momento, o possibilita ver as linhas de fuga desse dispositivo e viver uma vida outra: “Foi nesse jogo que se constituiu, lentamente, desde há vários séculos, um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma porém daquilo que o cinde; daquilo que o determina, talvez, e sobretudo o faz escapar a si mesmo.” (FOUCAULT, 2011, p. 79).

4. O cuidado de si e a coragem da verdade na terceira idade

Em seus últimos anos de produção intelectual, enquanto formulava sua ontologia crítica da subjetividade, Michel Foucault buscou entender o entrelaçamento entre as práticas de poder e os regimes de verdade. Mais do que isso, o autor procurou problematizar os diferentes deslocamentos no modo de pensar a verdade ao longo da história.

Em seu livro *Subjetividade e verdade*, curso ministrado no *Collège de France* entre 1980 e 1981, Foucault se dedica à experiência do *cuidado de si* e sua relação com as formas de dizer verdadeiro, partindo de uma indagação filosófica imanente dos estudos de Kant e Platão que nos coloca frente à três pressupostos para se conhecer a verdade. Interessa-nos o terceiro:

De fato, poderíamos formular, elaborar a questão “subjetividade e verdade” no seguinte sentido: que experiência o sujeito pode fazer de si mesmo, a partir do momento em que se vê na possibilidade ou na obrigação de reconhecer, a propósito de si mesmo, algo que passa por verdadeiro? Que relação o sujeito tem com si mesmo a partir do momento em que essa relação pode passar ou deve passar pela descoberta, prometida ou imposta, da verdade sobre si mesmo? (FOUCAULT, 2016, p. 12)

Apoiando-se neste questionamento, Foucault se volta para a história para pensar o conjunto de práticas relativas ao *cuidado de si* e aos modos de existência na experiência grega antiga que se embasavam na proposição “conhece-te a ti mesmo” e que se tornaram o grande referencial no acesso à verdade, onde as formas de racionalidade e confissão que o sujeito emprega sobre si mesmo permitem que ele se conheça e se reconheça sujeito de algum saber específico.

Mediante essa experiência, Foucault notabiliza mais uma vez a tríade saber-poder-subjetividade no que concerne a formação do sujeito dentro de uma racionalidade histórica. Sujeito este singular e não universal, pensado a partir de sua relação com os jogos de verdade com efeito em cada época.

Em nossa cultura, em nossa civilização, numa sociedade como a nossa, há certos discursos que, institucionalmente ou por consenso, são reconhecidos como verdadeiros a partir do sujeito. E o problema histórico a ser colocado é o seguinte: tendo em vista o que são esses discursos, em seu conteúdo e em sua forma, tendo em vista o que são os vínculos de obrigação que nos ligam a esses discursos de verdade, qual experiência fazemos de nós mesmos, a partir do momento em que esses discursos existem? (FOUCAULT, 2016, p.12)

Esta questão filosófica colocada por Michel Foucault nos ajuda a pensar a terceira série enunciativa recortada para esta pesquisa, que trata da relação entre o sujeito, a verdade e o exercício de práticas de liberdade, a saber:

- A) “Faço o que tenho vontade de comer”
- B) “Agora quero desaprender tudo o que já aprendi” (sobre estudar na velhice)
- C) “Pois eu quero ser uma velha bem esperta”
- D) “Espero viajar e conhecer lugares”
- E) “Nunca fui em baile. Hoje depois de velha, depois que ralei muito que eu vivo mais.”
- F) “Tem muito homem bobo que fica se gabando, dança com a mulher e já fica falando que a mulher quer isso, quer aquilo. Deus me livre! Se for assim eu não quero.”

A relação entre o sujeito e a verdade depende categoricamente do arranjo dos discursos em determinada trama discursiva. Pode-se dizer, portanto, que não basta dizer a verdade, é preciso dizer dentro de discursos verdadeiros, entrar em uma ordem própria que lhe permita circular e ser aceito e, desta forma, estabelecer, por meio de um conjunto de saberes, uma posição de controle das formas de dizer a verdade e, sobretudo, das formas de dizer a verdade sobre si.

Analisando a série enunciativa acima, podemos pensar em duas formas distintas de objetivação do sujeito idoso. A primeira que diz respeito à um sujeito constituído através das práticas discursivas com valor em dada racionalidade histórica, a racionalidade do neoliberalismo e de

uma economia das relações de poder, que delimita que o sujeito idoso é uma figura frágil, que não possui uma vida social ou sexual ativa, que já não contribui economicamente para a sociedade e que não tem mais o que aprender ou pelo que empenhar-se, como discutido em trabalhos de Bazza e Navarro (2019) e Bazza e Polla (2017). Já a segunda é a visão de um sujeito idoso que trabalha sobre si, que busca ter autonomia sobre si e que rompe com esses discursos estabelecidos socialmente ao enunciar a verdade sobre si, como nos enunciados “Faço o que tenho vontade de comer”, “quero desaprender tudo o que já aprendi”, “quero ser uma velha bem esperta”, “Espero viajar e conhecer lugares”, “Hoje depois de velha, depois que ralei muito que eu vivo mais”.

Assumir a identidade de um idoso enérgico, emancipado, entusiasmado, saudável e produtivo retoma a memória discursiva historicamente construída de que a velhice é sinônimo de esgotamento, submissão, amargura, enfermidade e improdutividade, ao mesmo tempo em que desloca esse sentido e produz novas formas de subjetividade. Percebe-se, portanto, um novo modo de ver a velhice, suas diversas possibilidades de existência dentro dessa teia social a partir da contradição que estabelece entre os discursos que pretendem dizer a verdade sobre o sujeito na terceira idade e os discursos que esse idoso enuncia sobre si. Ao reelaborar essas práticas de sujeição, esse sujeito idoso fabrica um espaço de liberdade, cria uma linha de fuga a esse dispositivo da terceira idade, que prescreve e estabelece o conjunto de princípios, procedimentos e instituições que delegam sobre esse corpo idoso e também sobre sua subjetividade.

Em seu livro *A coragem da verdade*, curso ministrado no *Collège de France* entre 1984 e 1985, Foucault busca compreender a relação entre o sujeito e a verdade que o constitui como sujeito moral. À vista disso, o autor se debruça mais

uma vez sobre a história grega antiga pensando a prática do *cuidado de si* e o conceito de *parresia* ou seja, dizer-a-verdade, que é também uma noção política e que se liga, pelo menos na perspectiva foucaultiana, ao governo das condutas, às práticas de governamentalidade.

A parresia é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve. (FOUCAULT, 2019a, p.13)

Foucault constata que esse dizer verdadeiro, não somente concebe formas de verificação desse discurso, constituindo a autonomia da prática do *cuidado de si* desse sujeito que tem coragem de enunciar verdades sobre si, mas também lhe confere autonomia sobre o outro, uma vez que esses discursos passam a serem aceitos como verdadeiros.

Ainda sobre essa noção política de verdade, pensando nas estratégias de regulação, higienização e medicalização do corpo idoso, outra análise que podemos fazer se relaciona com a problemática da governamentalidade, pois esse corpo idoso se encontra sob vigília constante e qualquer possibilidade de desvio de conduta ocasiona uma ruptura nos modos de ver e pensar a sociedade. As determinações estatísticas influenciam nos sistemas regulatórios e de interdições desse corpo. “O governo é definido como uma maneira correta de dispor as coisas para conduzi-las não ao bem comum, como dizem os textos juristas, mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar” (FOUCAULT, 2006a, p.190). Deste modo, ao romper com as instâncias sociais, esse corpo idoso cria um desvio não só de comportamento, mas na constituição dos diferentes saberes sobre este corpo, saberes estatísticos, demográficos, taxas de mortalidade ou de comportamento sexual, bem

como, uma série de ferramentas de controle e governo da conduta dessa parte da população.

Faz-se necessário também atentarmos à concepção de *ontologia do presente* elaborada por Michel Foucault, uma vez que essa noção representada pelo gesto de interrogar-se sobre a experiência que fizemos de nós mesmo, nos ajudará a pensar a existência de diferentes dispositivos de subjetivação que possibilitam a emergência de novos modos de relação do sujeito consigo mesmo e com os outros dentro de uma racionalidade. Esse conceito aparece nas teorias foucaultianas atrelado às problematizações do autor sobre uma história política da verdade. É nesse momento de suas análises que a temática da liberdade ganha notoriedade.

Explica Foucault (2004b, p. 267) que “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”. Dito de outro modo, a liberdade é entendida enquanto uma experiência que o sujeito ético faz de si mesmo e em relação ao outro e depende desse trabalho de elaboração e estetização que o sujeito faz de si e que se encontra diretamente ligado ao exercício da verdade. Desse modo, a liberdade se configura em uma linha de fuga à genealogia da ética.

Para Foucault (2016, p.197)

O jogo da verdade é sempre, com relação ao âmbito em que ele se exerce, um acontecimento histórico singular, em última análise um acontecimento improvável com relação àquilo de que fala. E é precisamente esse acontecimento singular, no qual consiste a emergência de um jogo de verdade, que é preciso tentar reconstituir. (FOUCAULT, 2016, p.197)

Assim sendo, ao enunciar essas verdades sobre si esse sujeito idoso, não só elabora um conjunto de práticas de estetização de si, mas também concebe um diagnóstico do presente nos moldes foucaultianos, pois esse sujeito volta seu olhar sobre si para tentar entender como ele

chegou a ser o que é hoje, bem como o que deixou de ser nesse processo.

O cuidado de si é certamente o conhecimento de si [...], mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades; nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2004, p.269)

Destarte, através das singularidades, dos processos de ruptura, esse sujeito idoso desnaturaliza os discursos vigentes sobre a velhice, criando novas linhas de fuga à essa genealogia da ética ao elaborar novas técnicas de estetização de si, conferindo autonomia para cuidar e dizer a verdade sobre si mesmo.

Conclusão

Ao longo deste texto, cujo objetivo principal foi o de descrever os modos pelos quais se produz a subjetividade do sujeito idoso catalano, destacamos como elemento central para a prática de subjetivação deste sujeito as técnicas de confissão e a relação com os regimes de verdade no exercício do cuidado de si. Assim, nos três trajetos temáticos elaborados, concluímos que, na constituição de um dispositivo de velhice, observamos, em uma leitura arqueológica, a relação entre objetos discursivos, tais como, a morte, a impotência e a solidão e um dos modos desse sujeito elaborar-se, de realizar um trabalho sobre si, diz respeito à confissão, de dizer daquilo se sente, se sua experiência na velhice e de como este mecanismo confessional o produz como um sujeito vivo e ativo.

Neste processo de confissão de si, da produção de uma verdade, observamos, ainda, como suas condutas foram normatizadas e normalizadas pelo dispositivo de sexualidade e, na atualidade, analisamos a participação dos idosos no projeto como um modo de exercício de práticas de estetização de si, em que é possível a

esse sujeito idoso olhar para si e refletir sobre a sua singularidade e sua subjetividade, tanto individual quanto como um sujeito inserido em um grupo ativo, que vislumbra, pelas linhas de fuga, práticas de liberdade de suas existências.

Referências

BAZZA, Adélli Bortolon; POLLA, Daniela. A dietética como prática do discurso sobre a longevidade. **Fórum Linguístico** (UFSC *Online*), v. 14, p. 2139-2151, 2017.

BAZZA, Adélli Bortolon ; NAVARRO, Pedro . Discursos sobre o idoso: sexualidade e subjetividade. **Linguagem em (Dis)Curso (Online)**, v. 19, p. 293-309, 2019.

CAMARANO, Pedro Anácio. **Arqueogenealogia bajubeira**: uma análise de práticas de poder e resistência. 2020, Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Catalão, 2020.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Corpos tristes, Velhices alegres**: Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogerátricos. 2013, Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

FOUCAULT, Michel. Foucault. In: MOTTA, Manoel B (org.). **Ditos e Escritos V**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, pp. 234–239.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade**. In___ **Ditos e Escritos V**: Ética, sexualidade e política. Forense Universitária. 2004b.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In: **Ditos e Escritos IV**. Estratégia, poder- saber. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, pp. 281-305.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011. 176p.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**. Curso dado no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019a.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. Curso dado no Collège de France (1984-1985). São Paulo: Martins Fontes, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade IV**: as confissões da carne. 1. ed. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019c. 452p.

Submissão: agosto de 2021.

Aceite: outubro de 2021